



**UM OLHAR SOBRE A NECESSIDADE DE CUIDADO E
ACOMPANHAMENTO PARA COM O CRISTÃO RECÉM-
CONVERTIDO.**

**A LOOK AT THE NEED FOR CARE AND FOLLOW-UP TO THE NEWLY
CONVERTED CHRISTIAN.**

**Allan Costa Araújo¹
Rogério Hernandez de Oliveira²**

RESUMO

O presente estudo traz como tema a necessidade de cuidado e acompanhamento para com o cristão recém-convertido. Recém-convertido é o termo utilizado em referência àquele que atendeu ao chamado do Senhor e decidiu seguir a Cristo. Diante disso, é de suma importância a abordagem do tema para que se possa cuidar de forma adequada do novo convertido, com o intuito de que ele siga a Jesus através de passos sólidos e firmes, reafirmando a sua base de fé mesmo diante das dificuldades que possam surgir durante a sua caminhada. Neste contexto, estratégias bíblicas serão sugeridas no presente estudo para que esse cuidado seja efetivo por parte da igreja. Para tanto, utilizaremos de pesquisa bibliográfica que possibilite explicar o tema em sua amplitude e, desta forma, espera-se contribuir com a capacitação da igreja para a realização deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Recém-convertido. Cuidado. Discipulado. Conversão. Base de fé.

¹ Discente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis. allan-guitar@live.com

² Mestre em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná - FABAPAR. Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis. netvida@bighost.com.br

ABSTRACT

The present study has as its theme the need for care and support for the newly converted Christian. Newly converted is the term used in reference to one who answered the Lord's call and decided to follow Christ. In view of this, it is of utmost importance to approach the topic so that the new convert can be properly cared for, with the intention that he follows Jesus through solid and firm steps, reaffirming his faith base even in the face of the difficulties that may arise during your walk. In this context, biblical strategies will be suggested in the present study so that this care is effective on the part of the church. For that, we will use bibliographic research that makes it possible to explain the theme in its breadth and, thus, we hope to contribute to the training of the church to carry out this work.

KEYWORDS: Newly converted. Care. Discipleship. Conversion. Faith foundation.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz como tema de pesquisa a necessidade de cuidados para com o novo convertido, à luz das Escrituras, na busca do entendimento de seu credo, do conceito e elementos que fundamenta a sua fé (a base de fé) e solidificação de sua vida com Deus.

Muitas são as dúvidas sobre como é ser um cristão na prática. Assim, esta pesquisa tem o potencial de buscar alertar a igreja, pastores e líderes para o recém-convertido em suas necessidades na vivência da nova fé. Quando uma pessoa atende ao chamado de Cristo O reconhecendo como suficiente, em resposta ao plano divino de salvação, é comum que a sua mente desperte para a necessidade de um novo modo de vida, deixando para trás algumas coisas para que tudo se faça novo, tal como as Escrituras ensinam em 2Coríntios 5.15.

Inevitavelmente este novo modo bíblico de viver traz uma renovação de valores que envolve a renúncia de velhos hábitos e, por conseguinte, gera dúvidas e conflitos nos pensamentos do recém-convertido sobre como agir em determinadas situações. Para que estes conflitos sejam tratados da maneira adequada e o recém-convertido prossiga a sua caminhada de fé mesmo em meio às tribulações, medos, angústias e dúvidas, é necessário um acompanhamento.

Diferentemente de um ato de pressão onde a pessoa deve seguir determinada orientação apenas para obedecer a ordens, os cuidados para com o recém-convertido devem apontar principalmente para as Escrituras, procurando entender realmente quem é a pessoa de Cristo, firmar a sua base de fé, conhecer o Deus que Jesus revela, estar convicto quanto ao seu credo, solidificar sua vida com Deus e as suas implicações na vida pessoal.

Neste contexto, para realizar este artigo será utilizada a pesquisa bibliográfica. Nela, a questão a ser respondida é se há de fato a necessidade de acompanhamento, cuidado e ensino do cristão recém-convertido. Da mesma forma, busca responder aos aspectos que necessitam ser trabalhados para que este cuidado ocorra e seja efetivo.

Assim, é importante observar que tanto o cuidado quanto o ensino devem ajudar na formação do cristão para que ele siga firme em sua fé, enraizado na verdade e pronto para o enfrentamento de situações que lida na sua vida cotidiana. Por outro lado, acredita-se que a falta de ensino e discipulado resultará em cristãos superficiais, que não compreendem bem o que é ser um seguidor de Cristo. Por este motivo, corre o risco de passar toda a sua vida inerte e até mesmo desinteressado em viver intensamente uma vida submissa ao Senhor, interpretando e até aplicando de forma equivocada as Escrituras. Esse tipo de cristão pode até estar inserido na igreja, mas sua vida se resume em pouca ou nenhuma relevância na sociedade.

Em Romanos 12.2 o apóstolo Paulo ensina que os cristãos não devem se amoldar ao padrão deste mundo, mas sim buscar a transformação pela renovação da mente. Desta forma, a impressão que se tem é a de que o cristão não deve se omitir, mas sim buscar agir para que a sua vida seja transformada e, conseqüentemente, a sociedade em que ele está inserido também.

Cabe mencionar que a deficiência no acompanhamento do cristão recém-convertido pode estar relacionada à falta de entendimento e até mesmo à negligência por parte da igreja no que diz respeito à importância deste assunto.

E por que falar em negligência por parte da igreja? Porque a impressão que se tem é a de que, após responder ao chamado de Cristo e, uma vez que provavelmente a pessoa frequentou uma classe de estudo que muitas igrejas disponibilizam para ser batizado, o recém-convertido está apto e deve buscar por sua própria vontade e com suas próprias forças tudo o que deve ser agregado à sua vida com Deus.

Da mesma forma, com relação àqueles que receberam a Cristo em qualquer situação, mas que não frequentaram uma classe de batismo, a impressão que se tem é que não há uma continuidade nos ensinamentos sobre a nova vida que os leve a aprofundar o conhecimento e firmar sua profissão de fé de forma madura. Parece que, após decidir viver uma nova vida, o recém-convertido é deixado à mercê de suas próprias experiências, convicções e buscas sobre quem é Cristo e sobre as escolhas que essa nova vida implica. Assim pode enfrentar de

maneira muitas vezes imatura e insensata os problemas que surgem a sua frente, sem uma base firme de fé.

Neste sentido, acredita-se que essas falhas no acompanhamento do novo convertido acabam por minimizar a suas convicções e profissão de fé, gerando desequilíbrio e inconstância na caminhada. Tais falhas podem decorrer do fato da pessoa não saber o que é ser um cristão e como seguir a Jesus, ou seja, acaba por limitar-se a um conhecimento apenas superficial, mesmo estando inserido em uma igreja há anos. Até pode possuir o conhecimento teórico, mas não consegue colocá-lo em prática da forma adequada.

E neste momento é importante lembrar que a Bíblia aponta que, para se tornar um seguidor de Cristo, não existe uma solução parcial ou indolor, antes é necessário que haja uma ação radical. Porém, parece que muitos destes “cristãos” não conhecem de fato o Jesus retratado na Bíblia. Tratam o seguir a Cristo como uma escolha em meio a tantas outras tradições religiosas, e que frequentemente essa escolha não baliza nenhuma ideia de fato do que representa ser um seguidor de Jesus.

Diante de todo o exposto, é necessário que este tema seja objeto de estudo, visando enfrentar o problema, trazendo soluções que levem o recém-convertido a uma vida cristã saudável, relevante, firme, constante e convicta em Cristo.

Neste sentido, o objetivo geral deste estudo é apresentar a necessidade de auxiliar o recém-convertido e identificar estratégias bíblicas para que esse cuidado se torne efetivo por parte da igreja, visando o desenvolvimento da maturidade espiritual, aprofundando a vida de fé.

Para atingir o objetivo geral desta pesquisa pretende-se relacionar o conceito e elementos fundamentais da conversão, identificar estratégias bíblicas para o cuidado prático efetivo do recém-convertido (ensino, discipulado, pastoreio, vivência em comunidade), e compreender a base da fé cristã e os aspectos da vida eterna.

1 O CONCEITO E ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA CONVERSÃO

A palavra “conversão” não aparece com frequência nas Escrituras, muito embora seja citada no Antigo e Novo Testamento (Sl 51.13; Mt 18.3). No entanto, para que se compreenda melhor esta pesquisa sobre a necessidade de cuidado para com o novo convertido, inicialmente é importante compreender o conceito e os elementos fundamentais da conversão.

Compreendendo este conceito, ao final será possível identificar a relevância e a urgência do estudo proposto.

1.1 CONCEITO DE CONVERSÃO

Quando uma pessoa atende ao chamado de Cristo à salvação, popularmente dizemos que houve uma conversão, uma “mudança de direção”. Isso porque, na prática, pode-se imaginar que aqueles hábitos e pensamentos anteriores à conversão são modificados e transformados para aqueles que Jesus espera de nós. E, assim, passa-se a pensar e agir em sentido contrário ao que se vinha praticando. A impressão que se tem é a de que essa mudança de rumo acontece praticamente de imediato.

A respeito do tema, o teólogo e pastor britânico John Stott, escritor de grandes obras relacionadas a vida e conduta do cristão, sugere, ao conceituar “conversão”, que:

A conversão denota aquela mudança total de vida que chamamos de arrependimento e pela qual nós viramos as costas para o pecado e à idolatria e nos voltamos para Deus e para Cristo, num gesto a que chamamos de fé. Disso resulta uma equação singular: arrependimento mais fé é igual a conversão (STOTT, 2000, p. 99).

Porém, é importante analisar detidamente o tema pois, segundo Latta “a conversão é um evento que inicia um processo. Significa um momento no tempo em que somos estimulados a responder a Jesus Cristo com arrependimento e fé” (LATTA, 2018, p. 373).

A busca do significado etimológico da palavra “*conversão*”, leva à palavra grega “*metanóia*”, substantivo este que significa mudar a mente para melhor, emendar de coração e com pesar os pecados passados, sendo traduzida também como arrependimento (STRONG, 2001).

Na mesma linha de raciocínio, Grudem explica que a salvação decorre do chamado, que é o ato de Deus Pai através da pregação do evangelho onde as pessoas são convocadas a responderem com fé salvadora (GRUDEM, 1999, p. 580).

Observa-se, assim, que a conversão não é um ato instantâneo e que ocorre de uma só vez em sua totalidade. Antes, ela representa uma decisão, mas esta decisão dá início a um processo que envolve arrependimento e fé.

Reforçando este entendimento, Latta esclarece que:

A conversão é um evento que inicia um processo. Significa um momento no tempo em que somos estimulados a responder a Jesus Cristo com arrependimento e fé. Ela começa na obra santificadora do Espírito Santo em nós, purificando e conformando-nos à imagem de Cristo. A conversão é o início da nossa jornada para a maturidade cristã. Podemos e devemos fazer progressos rumo a perfeição, mas nunca a obteremos nesta vida. Mesmo os convertidos precisam conduzir uma vida de arrependimento contínuo, e mesmo santificados precisam se voltar novamente a Cristo e ser renovados (LATTA, 2018, p. 373).

De igual importância, para compreender o conceito de conversão, é necessário analisar o seu uso no Antigo e no Novo Testamento.

No Antigo Testamento a palavra hebraica usada para conversão é *shuv* e geralmente é traduzida por "voltar-se". Por este motivo, ao contrário do que muitas vezes somos levados a crer, ela também pode significar e remeter à “volta, ou seja, ao retorno de uma pessoa para Deus”. Assim, uma interessante reflexão é a de que “a 'conversão' é em geral compreendida como o aspecto experiencial da salvação, fundamentada na obra divina logicamente anterior da regeneração, refere-se a uma virada decisiva do pecado à fé em Jesus Cristo como o único meio de salvação.” (LATTA, 2018, p. 372).

Segundo Alexander *et al* (2009, p. 596) “no Antigo Testamento Deus é compreendido como quem inicia o arrependimento, tanto com a ameaça de juízo quanto da dádiva da graça”.

Ou seja, os eventos que aconteciam no Antigo Testamento, sejam os representados pelo juízo de Deus sobre o povo, sejam os relacionados pela graça de Deus derramada, levavam a nação a voltar os seus olhos para o Senhor em arrependimento, pois através dos acontecimentos eles podiam experimentar a mão do Senhor agindo. Ela era representada pelo ato de se achegar a Deus com confiança. Como exemplo, podemos lembrar a conversão da cidade de Nínive (Jn 3.7,10) e da nação do Egito (Is 19.22).

Além disso, o autor também ensina que no Antigo Testamento a conversão decorria do arrependimento, e quanto a este:

Embora a condição do coração geralmente seja discutida de modo explícito na legislação sobre os sacrifícios pelo pecado, a suposição implícita é que o ofertante tenha se humilhado perante Deus. Isso se confirma em outras passagens do antigo testamento, nas quais um sacrifício não acompanhado de coração contrito é considerado ofensivo a Deus, considerado até mesmo pecado. (ALEXANDER *et al*, 2009, p. 596).

Desse modo, Deus inicia o arrependimento tanto por meio do chamado lembrança das bênçãos da aliança quanto pela execução da justiça da aliança. Já no Novo Testamento, o chamado à aliança é repetido de forma universal, e a conversão é analisada tendo como base a obra salvadora, o perdão dos pecados por meio de Jesus Cristo e o ato de crer em Jesus, como explica Latta:

Em Atos descobrimos chamados à conversão, bem como o relato de uma série de experiências de conversão. Pedro associou a conversão ao arrependimento e a ter os pecados apagados (3.19) (LATTA, 2018, p. 372).

E este conceito envolvendo a conversão e o perdão dos pecados por meio de Jesus, resta ainda mais evidente através da leitura de Tiago 5.20, que diz: “lembrem-se disso: Quem converte um pecador do erro do seu caminho, salvará a vida dessa pessoa e fará que muitíssimos pecados sejam perdoados” (Bíblia Nova Versão Internacional).

Desta forma, é possível compreender que a conversão decorre de uma decisão que se faz em receber a Cristo. Esta decisão implica em um processo que seguirá por toda a caminhada do cristão, gerando uma transformação contínua de vida na sua forma de pensar e agir, aproximando-o cada vez mais de Cristo, através do perdão dos seus pecados, da atuação do Espírito Santo, reafirmando a aliança com Deus.

Todavia sabe-se que, embora a conversão seja um processo, durante a caminhada não se deve manipular o recém-convertido, nem forçá-lo a ter as mesmas experiências de outras pessoas com Deus, pois é importante que cada um tenha sua vivência pessoa com o Espírito Santo, e este, por sua vez, agirá livremente no novo cristão.

Erickson indica brevemente que a conversão implica na regeneração, como a transformação que Deus opera nos indivíduos que creem – ele reverte as suas tendências naturais e dá uma nova vitalidade espiritual à vida deles e, assim, restaura-os ao que desejava de início que fossem. (ERICKSON, 1997, p. 400). E, uma vez regeneradas, encontram forças para resistir ao pecado e às tentações.

1.2 ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA CONVERSÃO

Uma vez que a conversão decorre da decisão tomada por uma pessoa em receber a Cristo como Senhor e Salvador da sua vida, e considerando que ela envolve um processo para

mudança de atitudes que conseqüentemente gerarão frutos, há elementos fundamentais que precisam ser analisados sob este prisma.

Grudem, ao explicar estes elementos, cita uma série de versículos das Escrituras para uma melhor compreensão a respeito do tema, apontando para o que o ser humano é chamado (1Pe 2.9). Assim, o autor coloca que o ser humano é chamado para uma nova vida (1Co 1.9); para comunhão com o Filho (1Ts 2.12); para o seu Reino de glória (Rm 1.6); para ser de Jesus Cristo (Rm 1.7); chamado para ser santo (Gl 5.13); para ser livre (Ef 1.18; 4.4); para a esperança (1Ts 4.7); para a santificação (1Pe 2.20,21; 3.9); para suportar o sofrimento com paciência e chamado para a vida eterna (1Tm 6.12). (GRUDEM, 1999, p. 579).

Como bem afirmou Latta:

A Palavra de Deus é essencial na conversão (Sl 19.7). Isaías associa a conversão à justiça (1.27), cura (6.10), misericórdia e perdão (55.7). Jeremias identifica conversão com a eliminação dos ídolos (4.1 e 2). A conversão é uma volta genuína a Deus, que envolve arrependimento, humildade e mudança de coração, e uma busca sincera de Deus. Resulta em um conhecimento renovado de Deus e de seus propósitos (2 Cr 33.13; Jr 24.7) (LATTA, 2018, p. 372).

Percebe-se neste pequeno trecho, porém rico em ensinamentos, que é possível afirmar que, dentre os elementos fundamentais da conversão a Palavra de Deus é o elemento principal. Entre estes ensinamentos acredita-se que cada vez que o tema é explanado, suscitam-se inúmeros fundamentos da conversão, mas sem sombra de dúvidas, os elementos fundamentais da conversão que podem ser destacados são: a Palavra de Deus e uma volta genuína a Deus, pois a partir destes dois, conseqüentemente, fluirão outros mais através da prática na vivência e busca diária.

Neste contexto, quando a pessoa responde positivamente ao chamado de Cristo, ela se volta genuinamente a Deus e a Palavra do Senhor é revelada a ela, mediante a leitura da Bíblia, gera arrependimento, perdão dos pecados, cura, e aquilo que a preenchia é tomada pelos novos hábitos em Cristo.

2 ESTRATÉGIAS BÍBLICAS PARA O CUIDADO DO RECÉM-CONVERTIDO

Inicialmente, é importante mencionar que o termo “recém-convertido” deriva do adjetivo grego “neophutos”, que se refere a alguém que recentemente tenha se tornado um cristão (STRONG, 2001).

Em 1Timóteo 3.6 é possível identificar a aplicação deste termo: “não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (Bíblia Versão Almeida Corrigida e Atualizada). Nesse versículo, observa-se que Timóteo alerta os cristãos sobre a necessidade de um amadurecimento espiritual, de maneira a não agir como se fosse um neófito, ou seja, um recém-convertido, quando na verdade o cristão já possui certo tempo de caminhada na fé.

Existe, assim, a necessidade de que o recém-convertido receba um acompanhamento que o auxilie em sua caminhada e gere um amadurecimento da sua fé. Neste sentido, é possível compreender que aquele que teve a sua primeira experiência com Cristo e agora é um novo convertido, começa a sua caminhada cristã, busca viver esta conversão em seu cotidiano com Deus através da leitura bíblica, da oração, idas aos cultos, mudança de velhos hábitos, evitar o pecado, dentre outras práticas. Entretanto começam a surgir as dificuldades, as dúvidas, os problemas normais da vida, e até possíveis crises.

Como prosseguir sem perder a fé? A compreensão das estratégias bíblicas oferece um valioso auxílio para o cuidado prático e efetivo para com o recém-convertido e auxiliam neste processo. Por isso seu estudo é de suma importância. Dentre essas estratégias, é possível mencionar: o ensino das escrituras, o discipulado, pastoreio e a vivência em comunidade, tais como explanadas a seguir:

2.1 DISCIPULADO

Um dos textos bíblicos base para o discipulado está em Mateus 28.19,20 que trata da Grande Comissão. Não se sabe ao certo quem intitulou este trecho como “A Grande Comissão”, porém, a leitura permite afirmar que se trata de um mandato de Cristo a todos nós, usando do seu poder e da sua autoridade, e que como consequência traz o discipulado e o aumento no número de cristãos.

Porém, a preocupação latente que norteia o presente estudo é: após responder positivamente ao chamado de Jesus, como será feito o acompanhamento e o cuidado do

recém-convertido? Não se pode preocupar apenas com números, mas principalmente com a base de fé firme e com o “alimento” que essas pessoas receberão. Isso porque, como bem aponta Dallas Willard, “os discípulos de Jesus são pessoas que não apenas adotam e professam certas ideias, como também aplicam sua compreensão crescente da vida no Reino dos céus a todos os aspectos de sua vida na terra.” (WILLARD, 2008, p. 11).

Ou seja, o discipulado é o desenvolvimento da caminhada diária e constante com Cristo, é aprender e aplicar os ensinamentos de Jesus no dia a dia. Diante disso, para melhor compreensão deste estudo e sobre a importância do discipulado, faz-se necessário apresentar o seu conceito.

Dallas Willard ensina que discipulado é o ato em que o ser humano decide abandonar tudo o quanto possui e passa a dedicar-se integralmente na difícil incumbência de se assemelhar a Cristo e conservar-se em uma vida de atos de fé e prática. “O discípulo de Cristo deseja, acima de tudo, ser como ele. Assim, basta ao discípulo ser como seu mestre” (WILLARD, 2008, p. 20).

Já para David Platt a ação de ser um discípulo de Cristo está relacionada ao fato de ser dedicado as palavras Dele, como descrito em João 8.31: “Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (PLATT, 2013, p. 79).

John Stott em seu livro intitulado “Discípulo Radical”, conceitua um discipulado genuíno como sendo aquele que é realizado com sinceridade (STOTT, 2010, p. 10).

Por sua vez, para o missionário e pastor presbiteriano Ronaldo Lidório, o discipulado é um dos componentes essenciais na construção de uma igreja saudável. O autor também menciona que o processo é cíclico, ou seja, não tem fim e é contínuo, envolvendo: relacionamento, evangelização, discipulado, ajuntamento, treinamento e multiplicação (LIDÓRIO, 2018, p. 141).

Sobre o comportamento de um discípulo, Wilkins explica que este fato implica em ser moldado pela Palavra de Deus, receber o poder de Deus através de uma experiência pessoal com o Deus vivo e se tornar participante de uma comunidade de discípulos. Ser discípulo é um estilo de vida e uma missão a cumprir (WILKINS, 1992, p. 342).

E neste ponto há um problema a ser enfrentado razoavelmente atual e contemporâneo, o qual, segundo Zygmunt Bauman, consiste nas características da nossa atual sociedade, que é

“plenamente sensorial, imediatista e busca somente o que lhe agrada, sendo estes os frutos do pós-modernismo” (LIDÓRIO, 2018, p. 251).

Diante disso, ao mesmo tempo em que o discipulado retrata uma vida de caminhada com Cristo, retratando o aprendizado, a persistência e obediência mesmo em tempos difíceis, a sociedade atual está em busca apenas daquilo que lhe agrada, de maneira que a persistência dá lugar ao imediatismo e a obediência dá lugar ao ego e individualismo.

A solução, segundo WILLARD, é compreender e enfrentar o fato de que:

O discípulo tem em seu coração uma decisão ou firme intenção. [...] O discípulo de Cristo deseja, acima de tudo, ser como Ele. [...] Quer se encontre dentro quer fora da igreja, um indivíduo que não é discípulo tem algo ‘mais importante’ a fazer ou do que se ocupar do que se tornar semelhante a Jesus Cristo [...]. (WILLARD, 2008, p. 20).

Assim, segundo Willard, o discipulado consiste no aprendizado e em uma caminhada constante com Cristo, no dia a dia, é uma escolha, uma decisão, sendo que escolhas ao contrário consistem em:

Desculpas esfarrapadas que servem apenas para revelar que, de uma lista infeliz de segurança, reputação, riqueza, poder, prazeres sensuais ou simples distração e torpor, algo ainda é objeto de sua devoção suprema. Ou se alguém percebeu essas desculpas, pode não conhecer a alternativa – e especialmente, não saber que é possível viver sob o cuidado e o controle de Deus, trabalhando e vivendo como ele como Jesus fez, sempre buscando ‘em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça’ (WILLARD, 2008, p. 21).

Por fim, cabe apontar a indicação de John Stott ao exemplificar sobre a vida de Dietrich Bonhoeffer, quando cita um trecho do livro “O Preço do Discipulado”:

Somente o homem que segue o comando de Jesus de todo o coração e em resistência alguma deixa que seu jugo repouse sobre ele, sente o seu fardo leve e, debaixo de sua pressão suave, recebe o poder para perseverar no caminho certo. O mandamento de Jesus é difícil, indescritivelmente difícil, para aqueles que a ele resistem. Mas, para aqueles que de bom grado se submetem a ele esse jugo é suave e seu fardo é leve (STOTT, 2004, p. 143).

Desta forma, o discipulado implica em uma caminhada de entrega sincera e total ao Senhor Jesus, permitindo que ele dirija os passos do novo convertido e transforme aquilo que necessita de mudança.

2. 2 ENSINO DAS ESCRITURAS

A segunda estratégia bíblica sugerida no presente estudo para trabalhar com o recém-convertido é o ensino das Escrituras. As Escrituras consistem na base de fé do Cristianismo e, desta forma, importante se faz que sejam ensinadas com afincamento, temor e reverência.

As Escrituras consistem na Palavra de Deus revelada e retratam a criação de Deus, Seu plano redentor e salvífico. Com frequência alguns autores chegam a compará-la a um manual de vida do cristão. Neste sentido, para que o recém-convertido possa colocar em prática os ensinamentos de Jesus e compreender a vontade de Deus para com a sua vida, ele precisa saber quais são esses ensinamentos, o que só é possível a partir da leitura e conhecimento da Palavra.

A Bíblia afirma em João 8.31: “Disse Jesus aos judeus que haviam crido nele: ‘Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos’ (Bíblia Nova Versão Internacional). Então, permanecer firme na Palavra do Senhor é uma característica do discípulo. Por isso é de suma importância aprender as Escrituras. A este respeito, Lidório faz uma interessante colocação:

Precisamos definir nosso compromisso. Somos comprometidos com Deus e sua revelação, e não com homens ou estratégias de crescimento incompatíveis com o Senhor. Não temos a permissão de Deus para manipular os homens ou criar atalhos na proclamação do evangelho (LIDÓRIO, 2018, p. 32).

Assim, o autor aponta que se deve tratar com seriedade a Palavra de Deus e, da mesma forma, com temor quando se ensina as Escrituras. Elas não podem ser utilizadas como instrumento de manipulação, mas sim como a revelação do Senhor para o seu povo.

E a leitura das Escrituras deve ser tratada com muita importância, pois revela algo tão profundo na vida da pessoa, que Stott em sua obra Cristianismo Básico explica a transformação ocorrida em seu ser:

O testemunho externo do Espírito Santo, dado através das Escrituras é confirmado pelo testemunho interno do Espírito Santo em nossos corações. Não se trata de colocar a nossa confiança em sentimentos superficiais e mutáveis; ao contrário, esta é uma convicção profunda do amor de Deus por nós, assegurada em nossos corações pelo Espírito Santo, e que nos faz clamar ‘Pai!’ quando buscamos a face de Deus em oração (STOTT, 2007, p. 186).

E mais:

A Bíblia, por sua vez, está repleta de promessas de Deus. O cristão sensato começa tão logo quanto possível a guardá-las em sua memória. Assim, quando ele cair no poço da depressão e da incerteza, as promessas de Deus serão as cordas que irão puxá-lo para cima (STOTT, 2007, p. 185).

Diante disso, não há dúvidas de que a leitura das Escrituras e sua compreensão são essenciais na vida do cristão, principalmente para o recém-convertido, pois ela revela a verdade. Por sua vez, a revelação da base de fé e a reafirmação da identidade em Cristo mantém o recém-convertido no caminho do Senhor no seu cotidiano, mesmo diante das situações adversas. Assim as Escrituras servem como um balizador nas ações do cristão, conduzindo-o a um relacionamento íntimo, firme e seguro com Deus.

2.3 PASTOREIO

A terceira estratégia bíblica a ser abordada neste estudo é o pastoreio. Jesus chama para segui-lo e entregar a vida a seu serviço. E para isso, quando se recebe a Cristo entende-se que é preciso abandonar os hábitos que são contrários a esse novo estilo de vida e sermos transformados pela presença de Jesus em nós.

É isso que o Apóstolo Paulo ensina através da carta à igreja em Roma: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2 – Bíblia Nova Versão Internacional).

Para que uma mente seja renovada e gere transformação na vida de uma pessoa, é de suma importância que ela tenha ao seu lado alguém que a conduza nesta caminhada, aconselhando-a, levando à leitura da Bíblia e reflexão, adquirindo relevância e autoridade espiritual para a sua vida. Neste sentido, o pastoreio deve edificar cristãos saudáveis e maduros.

Em uma breve associação, o pastor de ovelhas é responsável pela sua alimentação, domesticação, guarda e guia. Da mesma forma, frente ao cristão o pastor é responsável pela sua alimentação na Palavra de Deus, pelo seu cuidado no sentido de encaminhar para a reconciliação com o Senhor. Também é responsável por zelar e cuidar do cristão, o guiando pelo caminho do Senhor, cuidando para que ele não se desvie do caminho certo.

Neste sentido, o pastoreio proporciona um cuidado para com o recém-convertido para que ele tenha alguém maduro e responsável e em quem possa confiar. Alguém temente a Deus e que busque viver a Sua Palavra. Através do pastoreio, o recém-convertido será guiado continuamente a viver uma vida em Deus e com Deus, independente das circunstâncias, entendendo que há alguém enviado pelo Senhor para cuidar dele e ensiná-lo, e que, portanto, não estará só nesta caminhada. Ao ensinar sobre o propósito global de uma igreja local, David Platt revela que o Pastor, na qualidade de líder da igreja, precisa ser um bom pastor submisso a Deus, que prega a Bíblia claramente e serve fielmente de modelo de caráter divino (PLATT, 2018, p. 151).

No Salmo 23, Davi indica o Senhor como sendo o seu pastor, e por isso ele não terá falta de nada, será conduzido por águas tranquilas, descansará em verdes pastos, terá seu vigor restaurado e será guiado na vereda da justiça. Esta deve ser uma referência central de modelo de pastoreio a ser seguido, principalmente quando tratamos com recém-convertidos.

2.4 CONVIVÊNCIA EM UMA COMUNIDADE CRISTÃ

Por fim, a quarta abordagem diz respeito à convivência em comunidade. Como visto no tópico sobre discipulado, o recém-convertido aplicará no seu dia a dia o que aprende com o seu Mestre Jesus. E essa aplicação não se dá se não na convivência com a comunidade. É na comunidade, na relação com outros, que o recém-convertido exercitará o que aprende, crescendo em fé. E essa comunidade pode ser ou não cristã (igreja). É nesta comunidade que o recém-convertido será a luz do mundo e o sal da terra, conforme Mateus 5.13,14.

Especificamente sobre a convivência em uma comunidade cristã, Lidório cita Patrick Johnstone, que entende que o ensino contido na grande comissão implica em um grande envolvimento dos crentes em uma comunidade espiritual, que por sua vez gerará relacionamento, crescimento e será um lugar de prestação de contas, isto é, uma igreja (LIDÓRIO, 2008, p. 68).

David Platt vai além, ao ensinar que:

As pessoas foram enganadas. Foi-lhes dito que é possível se comprometer com Cristo sem se comprometer com a Igreja. A realidade, entretanto, é que é bíblicamente impossível seguir Jesus Cristo sem se unir à Sua Igreja. Na verdade, qualquer um que afirme ser cristão, mas não é membro ativo de uma igreja, pode não ser um seguidor de Cristo sob nenhum aspecto (PLATT, 2018, p. 135)

Neste texto, David Platt estava analisando um acontecimento muito comum nas igrejas, onde o líder religioso faz o que é titulado como “apelo” e convida os ouvintes a começar um relacionamento com Deus. Porém, o erro apontado pelo estudioso é que muitos líderes usam como argumento a seguinte fala: “Não estou convidando você para entrar para a igreja. Estou apenas convidando-o a vir a Cristo.” (PLATT, 2018, p. 135).

Tal afirmativa consiste em um erro porque “identificar a sua vida com a pessoa de Cristo é uni-la ao seu povo. Render a sua vida aos mandamentos dele é comprometê-la com a Igreja dele também.” (PLATT, 2018, p. 135).

Desta forma, não há como pensar em um cristão separado do povo de Cristo, da sua noiva, a Igreja. Há um trecho esclarecedor da obra de David Platt intitulada “Siga-me: o chamado de Jesus para a vida eterna”:

Até tornou-se marca de maturidade espiritual para alguns cristãos professos hoje em dia *não* ser ativo em uma igreja. Essas pessoas dizem: “Amo Jesus, mas simplesmente não suporto a Igreja.”

Sério?

A Igreja não é a noiva de Cristo? E se eu lhe disser: “Meu amigo, eu o amo, mas já disse que não suporto sua esposa?” Você entenderia isso como um elogio?

Igualmente, a Igreja não é o corpo de Cristo? E se minha esposa me dissesse: “David, eu o amo, mas não suporto o seu corpo”? Posso assegurar que eu não encararia isso como elogio.

É impossível seguir Jesus plenamente sem amar sua noiva abnegadamente, e é impossível pensar que podemos desfrutar de Cristo separado de seu Corpo. Jesus chegou a identificar a Igreja consigo mesmo quando perguntou a Saulo na estrada de Damasco: “Saulo, Saulo, por que você me persegue?” (Atos 9:4). Saulo não havia perseguido Cristo diretamente, mas tinha perseguido cristãos, portanto, Jesus estava dizendo essencialmente isto: “Quando você mexe com eles, mexe comigo” (PLATT, 2018, p. 136).

Dessa forma, David Platt ensina que conviver em uma comunidade cristã implica em experimentar o relacionamento que Deus planejou para o seu povo e significa, também, vivenciar a realidade dessa nova criatura gerada através de Cristo habitando em nós. Por isso, é importante que o recém-convertido esteja inserido e usufrua de uma comunidade cristã. Assim, a impressão que se tem é a de que não há como uma pessoa que se diz recém-convertida rejeitar participar de uma comunidade cristã.

O estudioso Wright ensina que em uma comunidade cristã as pessoas exercem o dom que receberam de Deus. Alguns são apóstolos, outros são profetas, evangelistas, pastores ou mestres. Mas todos eles atuam para um bem comum, que é oferecer ao povo de Deus ferramentas para a realização da obra, edificando, assim, o Corpo de Cristo, gerando a

unidade na fé, lealdade e o conhecimento acerca do Filho de Deus. “Então teremos uma vida humana genuína e amadurecida, na medida dos padrões da plenitude do Messias” (WRIGHT, 2010, p. 212).

Por consequência, Wright destaca que o Corpo será edificado em amor (WRIGHT, 2010, p. 212), reafirmando o contido em Efésios 4.14,16 (NVI):

O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. Antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função.

David Platt também lembra que:

Quando homens e mulheres morrem para si mesmos e vivem para Jesus, Deus os une como irmãos e irmãs na família da fé. Essa é uma comunidade de cristãos que adoram em conjunto regularmente, servem desinteressadamente uns aos outros, protegem graciosamente uns aos outros, doam generosamente uns aos outros e cuidam compassivamente uns dos outros. Nessa comunidade vivemos para ver uns aos outros firmes no Senhor (PLATT, 2018, p. 150, 151).

Assim, resta claro a importância e a necessidade de o recém-convertido estar inserido e ativo em uma comunidade cristã, integrando o corpo de Cristo, aprendendo e praticando o que lhe é ensinado pelo seu Mestre. O recém-convertido precisa ser levado ao entendimento de que temos uma responsabilidade para com a Igreja. Competindo lembrar que a prática leva ao aperfeiçoamento e ao fortalecimento da fé, nos aproximando cada vez mais de Jesus.

3 COMPREENSÃO DA BASE DA FÉ CRISTÃ

Um dos pontos primordiais no cuidado para o com o novo convertido diz respeito à compreensão da base da fé cristã. Isso porque, quando não se compreende qual é a base da fé cristã, perigosamente trilha-se pelo caminho do “achismo”, das “próprias experiências” e até mesmo interpretação equivocada das Escrituras, sendo levado por “qualquer sorte de doutrina”, como a Bíblia alerta em Efésios 4.14.

Sabe-se também que a base da fé leva ao firme fundamento, conforme Hebreus 11.1, e esse firme fundamento é a rocha que sustentará o cristão nos dias das adversidades, das dúvidas e das crises.

Neste sentido, a base da fé cristã pode ser compreendida partindo-se de quem é Deus Pai, quem é Deus Filho e quem é Deus Espírito Santo, bem como os aspectos da vida eterna.

E para compreender a base da fé cristã nada melhor do que voltar às Escrituras, pois como afirma Grudem: "Assim como a Escritura é a suprema fonte de informações sobre si mesma, Deus é a mais alta fonte de informações sobre ele próprio. Por conseguinte, é importante que qualquer estudo sobre o Senhor considere o que Deus diz sobre si mesmo nas páginas da Escritura" (GRUDEM, 2018, p. 25).

3.1 DEUS PAI

Para Latta, Deus é como Aquele que não se pode conhecer em sentido verdadeiro, pois Ele é incognoscível, alguém que não se pode sondar completamente (LATTA, 2018, p. 457).

Já para McGrath, o conceito que se refere a Deus como Pai todo-poderoso encontrado no Credo Apostólico:

Não está tratando de um conceito filosófico de quem é Deus, mas do Deus que se revelou nas Escrituras e, de modo extraordinário, em Jesus Cristo. Não se refere a uma noção abstrata de Deus, mas ao Deus vivo e pessoal a quem os cristãos cultuam e adoram. A afirmação 'Deus é nosso pai' significa que Deus é semelhante a um pai humano. Em outras palavras, Deus tem ações análogas às de um pai. Em alguns aspectos se parece com um pai humano, noutros, não. Existem pontos de semelhança genuínos. Deus toma conta de nós, assim como um pai humano toma conta de seus filhos (Mt 7.9-11). (MCGRATH, 2013, p. 33).

É interessante esse ensinamento trazido por McGrath, porquanto quando se olha para Deus como a figura de um pai, geralmente faz lembrar as características, por exemplo, de alguém que cuida, protege e ama.

Porém, muitas pessoas tiveram uma experiência dolorosa com relação ao seu pai terreno (humano) e isso torna difícil assimilar Deus como um Bom Pai. Para essas pessoas as marcas deixadas por seu pai as impedem de se permitirem ser amadas por Deus, de gerar uma

relação de confiança. Para elas é difícil imaginar um Pai com essas características de amor e bondade quando tudo o que tiveram foi abandono e rejeição.

No entanto, em ambos os casos, seja para quem teve um bom pai ou para aqueles que tiveram um pai com características percebidas como negativas, é de suma importância reafirmar o Deus que se revela através das Escrituras. Ou seja, quem é o Pai a respeito de quem Jesus tanto falava e se conectava em oração.

No Evangelho de Mateus 7.9,11, Jesus exorta ao povo e aos seus discípulos no conhecido Sermão da Montanha: "Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir peixe, lhe dará uma cobra? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem!". Com isso, Jesus claramente mostra que o conceito humano de pai fica aquém do conceito divino daquilo que Deus verdadeiramente espera de um pai.

Os pensamentos humanos são maus em razão do pecado, e por consequência a conduta humana é má. Mas ainda assim muitas vezes os pais dão boas coisas aos seus filhos. Em contraponto a um pai pecador, Jesus mostra que Deus é imaculado. De maneira que é impossível que Deus deixe de dar coisas boas àqueles que lhe pedem, pois Deus é amor. Essa é a essência Dele. E este amor não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece e nem busca seus próprios interesses (1Co 13).

Deus é Pai. Um Pai que ama, que cuida, que é justo, que faz a diferença na vida dos Seus filhos. Ele é fiel e não erra. Deus é o Pai perfeito. Desde o Antigo Testamento a paternidade de Deus se revela de forma persistente, como é possível observar nas palavras do Profeta Isaías: "Tu, Senhor, és o nosso Pai e, desde a antiguidade, te chamamos nosso Redentor." (Is 63.16b).

No Novo Testamento há uma belíssima referência à paternidade de Deus: "Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos! Por isso, o mundo não nos conhece, porque não o conheceu." (1Jo 3.1). Diante disso, é importante lembrar que a melhor forma de pensar em Deus é pensar no próprio Jesus Cristo. "Quem vê a mim, vê o Pai" (Jo 14.9).

Nas palavras de McGrath, "pense no amor, no cuidado e na bondade que você vê refletindo na face de Jesus. É assim o amor de Deus por você". (MCGRATH, 2013, p. 34). Para ALEXANDER *et al* (2009, p. 688), Deus é tanto um pai amoroso para seu povo quanto um justo juiz daqueles que desobedecem a sua lei.

As citações acima buscam apontar para o Deus revelado nas Escrituras, que é o Deus que Jesus conhece, ou seja, um pai amoroso, cuidador, que zela pelos seus filhos. Pode ser o conceito de pai que muitos seres humanos não têm em seu convívio familiar e, por este motivo, o fato de conhecer o Pai revelado através de Jesus, facilita a aproximação e o relacionamento com Deus.

3.2 DEUS FILHO

A respeito de Jesus, McGrath traz oportuno ensinamento: “O próprio nome Jesus já dá uma pista de sua importância: ‘Ela dará à luz um filho, a quem darás o nome de Jesus; porque ele salvará seu povo dos seus pecados’ (Mt 1.21). O nome Jesus significa literalmente ‘Deus salva’. Que o nome dele se explica plenamente é demonstrado pelos relatos do Novo Testamento de sua morte e ressurreição e pela nova relação entre Deus e os crentes, relação essa que foi possível em consequência de sua morte e ressurreição”. (MCGRATH, 2013, p. 47).

O texto bíblico de Mateus 1.21 não deixa dúvidas quanto ao propósito da vinda de Jesus a este mundo: a salvação dos pecados. Então o nascimento de Jesus faria parte do plano redentor de um Deus que, como Pai da humanidade que ama, deseja restabelecer a sua aliança com ela. Assim, Jesus é Deus que veio a este mundo para salvá-lo. Mas Ele não veio em forma de Deus. Antes, se despiu de toda a sua glória, e veio como homem, como está em Filipenses 2.7,8: “Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”.

Na ótica de Grudem sobre o tema, ele aponta que:

Na pessoa de Jesus, Deus entrou fisicamente em nosso mundo — um Deus infinito veio viver num mundo finito. Aquele que conhecia exatamente como as coisas deveriam ser, chegou a lugares onde as coisas obviamente não eram. Em Jesus, Deus e o homem tornaram-se uma pessoa, um ser diferente de qualquer outro que o mundo já viu ou jamais verá. Jesus Cristo era e para sempre será, totalmente Deus e totalmente homem numa só pessoa, e essa pessoa mudou o curso da história para sempre. (GRUDEM, 2018, p. 83).

E é ainda mais contundente em seu ensino quando segue indicando: "Assim como temos um corpo humano, Jesus também o possuía. Quando criança, ele ‘crescia e se

fortalecia' (Lc 2.40) e, à medida que amadurecia, crescia 'em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens' (Lc 2.52). Ele se cansava de uma viagem (Jo 4.6); após jejuar, 'sentia fome' (Mt 4.2); enquanto na cruz, disse: 'tenho sede' (Jo 19.28). Seu corpo era, em todos os aspectos, exatamente como o nosso".

Com isso, é possível compreender que Deus Filho, ou seja, Jesus, veio a este mundo com um propósito. Um propósito que somente um Pai de amor poderia conceber. E como Filho perfeito, Jesus cumpriu este propósito, sendo fiel até a morte, e morte de cruz. Ele não hesitou em obedecer a Deus Pai, pois sabia a importância do seu papel no plano redentor.

Grudem lembra que "assim como Jesus tinha de ser humano para viver em nosso lugar, ele também precisava ser humano para morrer em nosso lugar. Como está escrito em Hb 2.17: 'Era necessário que ele se tornasse semelhante a seus irmãos em todos os aspectos, para se tornar sumo sacerdote misericordioso e fiel com relação a Deus e fazer propiciação pelos pecados do povo'. Se Cristo não fosse totalmente humano, sua morte em nosso lugar não teria significado" (GRUDEM, 2018, p.83-85).

Compreender Jesus como o Cristo, é lembrar que Ele é o tão esperado Messias, o Redentor, como está escrito em Jo 1.41: "Este achou primeiro a seu irmão Simão, e disse-lhe: Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo)" (Bíblia – Versão Almeida Corrigida Fiel).

Messias "significa 'o ungido', em outras palavras, alguém que foi ungido com óleo. No período veterotestamentário, a pessoa ungida era reconhecida como separada por Deus por ter importância especial" (MCGRATH, 2013, p. 48).

E o mais incrível é que "Jesus ressuscitou da morte em um corpo físico e humano, que não estava mais sujeito a fraqueza, doença ou morte. Como ele disse a seus discípulos que se surpreenderam ao ver o Cristo ressuscitado: 'Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho' (Lc 24.39). Jesus continua vivendo em seu corpo humano, porém perfeito, no céu" (GRUDEM, 2018, p. 84).

Neste sentido, a fé cristã precisa ter como base que Deus veio a este mundo despidido de sua glória. Como homem, nasceu milagrosamente de uma mulher virgem, sendo obediente em toda a sua vida até a morte de cruz. Morreu, mas ao terceiro dia de maneira poderosa e gloriosa ressuscitou, e está assentado a direita de Deus Pai, como afirmam as Escrituras.

3.3 DEUS ESPÍRITO SANTO E ASPECTOS DA VIDA ETERNA

Por fim, a terceira pessoa da Trindade é o Espírito Santo. A Trindade revela que há três “pessoas” em uma só: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Compreender a base da fé cristã significa entender que, embora com um propósito único, as três pessoas da Trindade agem de forma distinta.

A esse respeito, ALEXANDER *et al* apresentam um interessante quadro comparativo: "O Antigo Testamento usa a expressão ‘Espírito Santo’ (*rûah qâdosh*) somente três vezes (Sl 51.11; Is 63.10,11); em compensação; há cerca de 90 ocorrências no Novo Testamento. As expressões mais comuns para denotar o Espírito divino são ‘Espírito de Deus/do Senhor’, ‘meu/seu Espírito’, etc". (ALEXANDER *et al*, 2009, p. 738).

A respeito do Espírito Santo, a Bíblia afirma que é Ele quem convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo, conforme João 16.8. Também afirma que o Espírito Santo é o “nosso Conselheiro” (Jo 14.16 – Bíblia Nova Versão Internacional).

McGrath traz um precioso ensinamento, esclarecendo que "O Espírito de Deus é semelhante ao vento, uma força invisível que age sobre coisas e pessoas. Podemos entender o Espírito como Deus em ação". E acrescenta: "Convencer as pessoas de que elas são de fato pecadores é uma tarefa gigantesca, sobre-humana na verdade. Todavia, não estamos sós nesta empreitada. Deus dá um dom à altura da tarefa. Jesus prometeu aos seus discípulos que, depois que os deixasse, o poder e a presença do Espírito continuariam com eles. O Espírito ia convencer o mundo da culpa e do pecado, e da realidade do juízo (Jo 16.7,11. "Mas eu lhes afirmo que é para o bem de vocês que eu vou. Se eu não for, o Conselheiro não virá para vocês; mas se eu for, eu o enviarei". (MCGRATH, 2013, p. 102, 103).

Como Paulo escreve em sua carta à igreja de Corinto, o Espírito Santo é a garantia da salvação. Deus pôs o seu Espírito no coração humano como garantia do que está por vir: “O qual [Deus] também nos selou e deu o penhor do Espírito em nossos corações”. (2Co 1.22).

A respeito deste versículo, McGrath ensina que "a palavra grega para “depósito”— *arrabôn* — costuma ser traduzida por “penhor” ou “garantia”. É uma palavra pouco comum, provavelmente oriunda dos mercadores fenícios. Seu significado básico é “pagamento adiantado” ou “sinal de compromisso”. Em muitos contratos de compra e venda, o comprador precisa fazer um depósito inicial ou dar uma entrada para garantir a posse do bem. Deus põe seu Espírito em nosso coração como um adiantamento. É uma demonstração de que somos

propriedade dele e que outros pagamentos serão feitos. É o penhor ou a garantia da Salvação. (MCGRATH, 2013, p. 103,104).

Neste sentido, a nova vida de um convertido envolve a presença do Espírito Santo, pois é Ele quem convence do pecado, da justiça e do juízo. É Ele também o Consolador e a garantia da Salvação dada por Deus.

É importante lembrar que aquele que está em Cristo e é nova criatura, produz os frutos do arrependimento e, portanto, o fruto do Espírito Santo, que são: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança, conforme Gálatas 5.22. Em contraposição aos frutos do Espírito, estão as obras da carne, ou seja, as práticas daqueles que permanecem no pecado: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas (Gl 5.19,21 – Bíblia Versão Almeida Corrigida Fiel). Portanto, a presença do Espírito Santo gera transformação e produz frutos.

Não menos importante é falar sobre os aspectos da vida eterna. Isso porque, partindo do fato de o recém-convertido saber quem é Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, ele conhece a sua base de fé e o fato de que a sua esperança é Cristo. Agora ele precisa compreender que tudo aponta para Cristo e uma vida eterna. A impressão que se tem é que muitas pessoas relacionam a vida eterna como aquela a ser desfrutada ao lado de Cristo após a morte e que não tem fim.

Porém, Latta ensina que a expressão “vida eterna” está relacionada à qualidade de vida e não à duração interminável dela (LATTA, 2018, p. 1714). Ou seja, a vida eterna começou com a vinda de Cristo e será consumada quando Ele voltar para buscar o seu povo. Desta forma, viver a vida eterna é viver uma vida de qualidade em Deus, sendo transformado e renovado por Ele, lutando diariamente e vencendo o pecado.

E é este o conceito que o recém-convertido precisa ter em mente: o de que a vida eterna é a vida aqui e agora. É uma vida experimentada no presente e centrada em Deus, até a volta de Cristo, quando ela será consumada e terá a sua continuidade em sua plenitude. Colaborando com esta afirmação, nas palavras de McGrath, a vida eterna “é a vida com Deus que não será destruída e nem prejudicada pela morte, mas que terá continuidade e será aprofundada por ela.” (MCGRATH, 2013, p. 133).

Assim, compreendendo este aspecto da vida eterna, o recém convertido poderá desfrutar de forma consciente de uma vida de qualidade em Deus, apesar das lutas que possa

enfrentar diariamente, mas convicto de que, com a volta de Cristo, essa vida será desfrutada em sua plenitude, e este fato contribuindo com o crescimento da sua fé e da sua persistência na caminhada com Jesus.

CONCLUSÃO

Jesus deixou uma grande missão, conforme Mateus 28.19,20: “ide e fazei discípulos”. Porém, este mandato não traz implicações apenas em números, de maneira que é preciso se preocupar também com a qualidade na formação destes discípulos. Neste sentido, a impressão que se tem é a de que muitas igrejas estão preocupadas apenas em avançar em números, ter uma quantidade cada vez mais crescente de membros. Contudo, quantidade nem sempre está relacionada a qualidade.

Por este motivo, é de suma importância cuidar e acompanhar o recém-convertido, de maneira que ele seja orientado corretamente nas Escrituras em sua caminhada cotidiana, ou seja, para que, ao se deparar com as situações da vida, ele saiba como agir sem perder a fé em Cristo e aplicando corretamente os ensinamentos bíblicos.

Desta forma, não se trata de conhecer basicamente as Escrituras e ser lançado para os desafios da vida. Antes, visa o desenvolvimento da maturidade espiritual, aperfeiçoando a vida de fé, aprofundando-se mais em conhecimento. Implica na condução de uma vida verdadeiramente entregue a Cristo.

E, o cuidado para com o recém-convertido envolve algumas estratégias bíblicas, como por exemplo, o discipulado como um processo diário e contínuo, onde se aprende com o Mestre Jesus. Ouvir, crer, aprender e colocar em prática. E envolve também o ensino, pastoreio e convivência em uma comunidade cristã.

Não menos importante, é mencionar que a igreja lida com vidas, de maneira que a falta de cuidado ou até mesmo o cuidado realizado de forma displicente para com o recém-convertido, pode levá-lo a trilhar caminhos contrários a Jesus, da mesma forma que pode gerar marcas e profundas feridas em sua vida.

Finalmente, é importante mencionar que a presente pesquisa não pretende esgotar o tema, porquanto este possui um vasto campo de estudo. Contudo, espera-se provocar reflexão sobre o assunto e a importância da sua abordagem.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S.; CARSON, D. A.; GOLDSWORTHY, Graeme; CARTER, A. Steve. **Novo dicionário de teologia bíblica**. Trad. William Lane. São Paulo: Vida, 2009. p. 596,688, 738 (Arrependimento, Espírito Santo, Deus).
- BÍBLIA de estudo NVI. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.
- BÍBLIA versão Almeida Corrigida e Fiel. Bíblia online, 2020. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/1>>. Acesso em: 01/10/2020.
- ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- GRUDEM, Wayne A. **Bases de fé Cristã - 20 fundamentos que todo cristão precisa saber**. Trad. Christian Beliefs. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. 208 p.
- GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova. 1999.
- LATTA, Bill. In BRAND, Chad (Ed.) e coop. **Dicionário bíblico Ilustrado Vida**. São Paulo: Vida, 2018, v. 1, p. 373, 457 (Conversão – Deus).
- LIDÓRIO, Ronaldo. **Plantando igrejas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. 280 p.
- MCGRATH, Alister E. **Creio**. Trad. James Reis. São Paulo: Vida Nova, 2013. 160 p.
- PLATT, David. **Siga-me – O chamado de Jesus para a vida eterna**. Trad. Fernanda Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. 206 p.
- STOTT, JOHN R. W. **A verdade do evangelho**. Trad. Marcell e Silêda S. Steuernagel. São Paulo, SP: ABU, 2000. 142 p.
- STOTT, JOHN R. W. **O discípulo radical**. Trad. Meire Portes Santos. Viçosa, MG: Ultimato, 2011. 120 p.
- STOTT, JOHN R. W. **Porque sou cristão**. Trad. Jorge Camargo. Viçosa, MG: Ultimato, 2004. 152 p.
- STOTT, JOHN R. W. **Cristianismo básico**. Trad. Jorge Camargo. Viçosa, MG: Ultimato, 2007. 208 p.
- STRONG, JAMES. **The Strongest Strong's Exhaustive Concordance of the Bible**. Grande Rapids, MI. Zondervan, 2001. Disponível em: <<https://biblehub.com/greek/3341.htm>>. Acesso em: 24/11/2020.
- STRONG, JAMES. **The Strongest Strong's Exhaustive Concordance of the Bible**. Grande Rapids, MI. Zondervan, 2001. Disponível em: <<https://biblehub.com/greek/3504.htm>>. Acesso em: 24/11/2020.
- WILKINS, Michael J. **Following the master: A biblical theology of discipleship**. Grand Rapids: Zondervan, 1992. 404 p.
- WILLARD, Dallas. **A grande omissão**. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. 214 p.
- WRIGHT, N.T. **Eu creio e agora?** Porque o caráter cristão é importante. Trad. Cláudia Ziller Faria. Viçosa: Ultimato 2012. 286 p.